

Prácticas, legalidades y moralidades en la Ciudad: narrativas sobre sexualidad en espacio no privado

Natan Schmitz Kremer¹

RESUMEN: La presente pesquisa tiene por objetivo reflexionar acerca del doble movimiento de intersección con los individuos en la vida en la ciudad: por un lado, esta como una entidad que puede moldear las practicas de los individuos (o, pensando con Goffman, la interacción entre los individuos que es hecha en los escenario que las posibilitan); y, por otro lado, el movimiento revés de los individuos que pueden cambiar y dar nuevos significados y atribuciones a los espacios y estructuras de la ciudad. Así, pensando en el tema de las prácticas sexuales entre hombres en el espacio no privado, se ha trabajado con 3 tipos de narrativas sobre las prácticas sexuales en la ciudad: crónicas periodistas (las de Beto Stodieck, entre los 1960-1980); literatura narrativa (cuentos de João Antônio, en los 1970); y trabajo de campo/etnográfico (actual). La reflexión desarrollada a través de éstos tres mecanismos metodológicos ha apuntado para la construcción de las ciudades como forma múltiple, a partir de las experiencias de las personas que en ellas habitan; el conflicto entre identidades, legalidades y moralidades ha emergido, igualmente, como punto central del pensar a la ciudad y sus conflictos, hegemonías y subalternidades.

¹ Estudiante del curso de graduación en Ciencias Sociales de la Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Brasil) en intercambio en la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República (UdelaR, Uruguay), con beca de la Asociación Universitaria Grupo Montevideo. Vinculado al Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, del Centro de Ciências da Educação de UFSC. Email para contato: Natan_kemer@hotmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1907411885488417>.

Práticas, legalidades y moralidades en la Ciudad: narrativas sobre sexualidad en espacio no privado

O sexo não é pra gente escrupulosa. O sexo é um intercambio de líquidos, de fluidos, saliva, hálito e aromas fortes, urina, sêmen, merda, micróbios, bactérias. Ou não é. Se for apenas ternura e espiritualidade etérea, não passa de uma paródia estéril do que poderia ser. Nada.

Pedro Juan Gutiérrez in Trilogia Suja de Havana

Florianópolis: modernização, turismo, sexualidade

Na crônica *O Pensamento Invencível da Mulher Florianopolitana*, Beto Stodieck escreve:

1 – “Você é um rapaz muito bacana. Mas acontece que eu tenho um noivo que estuda em Curitiba e se eu sair com você, os amigos dele vão contar para os meus sogros, que contarão pra ele. Agora me deixa senão vou perder o ônibus para o Estreito”.

2- “Você é daqui mesmo? Como dança bem! Você deve ser de Por... ah, de Biguaçu? Com licença, estou exausta”.

3 – “Acho bárbaro o Rio. Você já esteve lá no verão? Em Copacabana? Ah, foi uma excursão e ficou aonde? Em Cascadura???? Olha eu tenho de ir embora que a minha mãe me espera”.

4 – “Não,não danço que estou muito cansada”.

5 – “Por que será que aquele rapaz não vem dançar comigo? Vou amarrar a ponta da toalha para ver se dá sorte”. (STODIECK [19 de agosto de 1972] in PORTO & LAGO, 1999, p. 236)

A chave está dada. Beto Stodieck, um dos últimos cronistas sociais de Florianópolis, deixa claro em *É Tudo Mentira*² a sua concepção da modernização florianopolitana: mais do que o estabelecimento de uma dicotomia entre o ‘moderno’ e o ‘arcaico’, o autor aponta para um desejo do moderno que se estabelece nas práticas do arcaico. Ou seja, é aquela modernidade que “vem de fora”, mas que não parece fazer

² Trata-se de livro organizado pelas jornalistas Bea Porto e Fernanda Lago (1999), onde reúnem as crônicas publicadas por Beto Stodieck ao longo de sua vida. As organizadoras, suas ex-estagiárias, comentam na introdução a importância do autor para pensar as transformações urbanas da cidade de Florianópolis.

sentido para quem “é de dentro”. As meninas, aponta, querem um namorado que vem dos grandes centros, mas para tê-los apelam às credices locais³. Um jogo, pois.

Também a sexualidade – e a homossexualidade – vira tema das crônicas de Beto, e traz um desenho de um momento de grande transformação social entre as décadas de 1970-1990, marcado por fatores locais e globais. Passando por alguma das suas crônicas, como *...E a cama quebrou* (PORTO & Lago, [1986] 1999, p. 18) ou *Ao desmunhecar do verão* (PORTO & Lago, [1988] 1999, p. 21), o autor começa a apontar para uma série de práticas realizadas entre homens casados com mulheres, e que mantém relações extraconjugais com outros homens. Assim, aponta para uma moralidade heteronormativa, mas que se quebra com a criação de subterfúgios no espaço urbano.

Já em 1973, mostrará a existência de práticas de sexo em espaço público. Vejamos:

Ora ora ora, onde estamos? Então foi só iluminar feéricamente a praça XV e aquilo transformou-se num felliniano palco? Não, não estou falando dos “atores” que fazem a frequência diurna, longe disso. Nem nos amenos cavalheiros que anoitecem no local. Mas passem, repassem, olhem, reolhem, vejam e revejam o que está acontecendo depois que as bruxas tomam conta da cidade. (...) A Praça transformou-se num lantejoulado carrossel de bonecas vivas, vivíssimas. Os engraçados rapazzzzzesss da noite, com seus dotes de modelos e vozitas de soprano, fazem as mais variadas poses para os mais variados espectadores. Para cada um tem um gritinho, um gracejo, uma só graça pra quem vier e der.

Atenção, atenção: não percam. Em cartaz o mais popular, o mais maaaaaravilhoso show de travesti do sul do mundo (...). (STODIECK [24 de outubro de 1973] in PORTO & LAGO, 1999, p. 237)

O texto fala por si, mas não se encerra. Permite ver, dentre outros pontos, a forma como os espaços urbanos são ocupados e reutilizados por distintos públicos nos diversos momentos do dia. Uma praça na frente da Catedral da cidade é utilizada, na noite, para “shows de travestis”, algo que, durante o dia, não poderia ser pensado. Assim, é interessante pensar em como os espaços urbanos se constroem no tempo e no espaço, e se reconstroem através das pessoas que o utilizam.

O autor ainda apontará a existência de boates para o público gay na cidade de Florianópolis, como por exemplo, na crônica *Sobre a noite assumida*. O interessante é pensar, novamente, como estes espaços passam por transformações que são

³ Para uma leitura desta relação assimétrica nos relacionamentos em Florianópolis, entre garotos do centro da cidade e garotas do interior da Ilha, e suas relações de moralidades, sugiro a leitura de Mara de Souza Lago (1996).

influenciadas pelo seu público. Assim, o autor nos dá a chave para pensar os sujeitos enquanto transformadores da paisagem urbana.

Nesse jogo de transformações, começa a apresentar, especialmente em crônicas escritas na segunda metade da década de 1980, o começo de um fluxo de turistas de São Paulo e de Porto Alegre, para a passagem do carnaval na Ilha de Santa Catarina. O que Beto aponta nestas crônicas é a presença de uma sociedade bastante preparada para a recepção deste público, mostrando a existência de saunas, bares, boates e, com seu tom irônico, afirmando: “Ora, santa, se há procura é porque a oferta abunda...” (STODIECK [1º de fevereiro de 1985] in PORTO & LAGO, 1999, p. 218).

Esta oferta abundante é retratada em duas crônicas:

Em recente acontecimento infanto-juvenil, súbito, dois rapazes saíram do banheiro, ressabiados diante dos demais da fila – que exclamaram sensação de insinuação...

Seguramente não era nada daquilo que insinuavam, estavam os dois se assanhando... Aliás, antigamente o que dois rapazes poderiam fazer trancados num banheiro era muito mais saudável do que hoje vão ali adejar... (STODIECK [06 de setembro de 1988] in PORTO & LAGO, 1999, p. 35)

11.375 gays de São Paulo a Portalegre passaram o Carnaval na Ilha – rodaram na catraca.

Se durante o dia eram assíduas de tanga na praia Mole (...), à noite não perdiam a porta do Roma com incursões pelo Havana, volta à praça, enfim, se enveredando pelo interior do jardim escuro, levando surra no aterro, as corajosas (STODIECK [02 de março de 1990] in PORTO & LAGO, 1999, p. 225)

Embora a primeira crônica não se refira a práticas sexuais, mas ao consumo de drogas, permite ver, tal como a segunda, a prática de sexo entre homens em espaços públicos na cidade de Florianópolis.

Nem tudo, entretanto, são flores, e a AIDS – ou o risco da mesma – também chega a Florianópolis. Beto escreve sobre: “Como transar é coisa do passado – nos anos 70, no primeiro quinquênio dos anos 80, ainda era possível” (STODIECK [07 de março de 1990] in PORTO & LAGO, 1999, p. 218), mas logo por ela é levado. Suas crônicas sobre sexualidade se encerram em um momento no qual mostrará que a cidade transa menos, mas apontando pra uma recente chegada da camisinha, ainda não tão bem recebida. Nas duas décadas subsequentes, uma série de transformações acontecem, mas as práticas de sexo entre homens em locais públicos seguem.

No campo dos Estudos de Gênero

Pode-se considerar a existência de um campo teórico na Antropologia conhecido como Antropologia Feminista, onde marca-se Margareth Mead (2000) como uma de suas precursoras, a partir da Escola Culturalista Americana (influenciada pela perspectiva de Franz Boas, seu professor). Destaca-se, como obra fundante do que posteriormente foi chamado de pensamento antropológico feminista, a obra *Sexo e Temperamento* onde, de forma comparativa entre as sociedades Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, Mead busca compreender os papéis sexuais destinados a homens e mulheres, a partir do conceito de temperamento.

Na década de 1970 e 1980, podemos perceber uma nova tomada crítica de posicionamento frente à teoria antropológica clássica, no que se estabeleceu chamar de campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades, surgindo de um diálogo com os movimentos sociais e com o que seria, no Brasil, conhecido como uma Antropologia Engajada (MELLO; FERNANDES; GROSSI, 2013). Neste campo, uma série de pesquisas e temáticas foram se desenvolvendo enquanto problema teórico do campo antropológico, em um constante diálogo influenciado por diversas áreas do conhecimento.

Ainda neste contexto, podemos perceber uma série de transformações que tangenciam o campo. Em um primeiro momento, destacavam-se os estudos sobre as mulheres. Em seguida, onde se situa a crítica de Joan Scott (1990; 1994), passa-se a compreender a necessidade de estudar também as masculinidades a partir de uma perspectiva histórica de gênero, âmbito no qual surgem novas pesquisas que visam por em relação os papéis desempenhados por homens e mulheres.

Já em meados da década de 1990 e no começo dos anos 2000, uma nova perspectiva teórica passa a ser instaurada com a crítica dos estudos queer, que pretende romper com o binarismo de gênero e de sexualidades, influenciado por teorias pós-modernas, onde estas categorias de análise – gênero e sexualidade – não seriam identidades fixas, mas dadas em trânsitos fluidos.

Acompanhando este fluxo teórico, uma série de pesquisas foram desenvolvidas problematizando práticas sexuais envolvendo homens que realizam sexo com outros homens – alguns se reconhecendo enquanto homens gays, mas não necessariamente apenas. Destacamos, aqui, as pesquisas de Camilo Braz (2010) e Richard Miskolci

(2013), pesquisadores contemporâneos sobre o tema, no campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades; e de Nestor Perlongher (2008), cuja pesquisa marca outra época de produção antropológica, e que estabelece maior diálogo com o campo da Antropologia Urbana. Deixemos este para a sequência, vendo agora os dois primeiros.

Ao passo em que o primeiro autor problematiza em sua pesquisa “como diferentes marcadores de diferença operam nesses locais [clubes de sexo de homens na cidade de São Paulo] para construir corpos desejáveis e sujeitos inteligíveis” (BRAZ, 2010, p. 128), o segundo autor preocupa-se com “como eles [homens gays e bissexuais da cidade de São Paulo] articulam plataformas de busca de parceiros com o objetivo de criar relações em segredo” (MISKOLCI, 2013, p. 301).

Situado nesta temporalidade, busca-se nesta pesquisa a escrita de uma etnografia que contraste as práticas sexuais entre homens em espaços não-privados na cidade de Florianópolis, de forma comparativa entre três espaços – dois espaços de fluxo livre e, um deles, com restrição de entrada.

Reconhecendo, então, uma série de pesquisas desenvolvidas neste campo de conhecimento, como as anteriormente apresentadas (BRAZ, 2010; MISKOLCI, 2013), esta pesquisa busca diferenciar-se das demais, ao passo em que se estabelece enquanto problemática a partir do campo da Antropologia e da Sociologia Urbana, aproximando mais do campo explorado por Perlongher (2008).

Pensa-se, então, em como a cidade e sua arquitetura possibilita ou impossibilita estas práticas sexuais entre homens, e, em especial, como os *cenários* condicionam as *interações face a face* (GOFFMAN, 2013) e, ao mesmo tempo, o movimento contrário: como a cidade se coloca em relação às práticas dos indivíduos. Assim, esta pesquisa não objetiva situar-se no campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades, mas sim tomar as práticas sexuais como um problema dos estudos da cidade. Ao mesmo tempo, não descarta as reflexões trazidas pela Antropologia Feminista ao pensar o trabalho de campo e o trabalho etnográfico, reconhecendo a importância do corpo nas relações travadas com seus interlocutores (GROSSI, 1992), sendo estas produções de saber devidamente situadas e parciais (HARAWAY, 1995).

Dinâmicas na cidade: a contribuição literária

No conto Galeria Alaska, João Antônio (1976, p. 13) percorre o edifício e as ruas que circundam a galeria, na cidade do Rio de Janeiro. Durante o dia, um centro

comercial, restaurantes, salões de beleza. “À noite, [contudo] aqui a coisa muda”, diz Otacílio, um de seus personagens.

Muda, o personagem afirma, mas não fala mais que isso. Sabe e tranca. Há, pois, uma coexistência nos espaços. De dia, um fluxo. À noite, outro. Mas, para além destes fluxos, existem diferentes noções do espaço, produzidas por seus diferentes frequentadores, nos diferentes momentos.

Otacílio pode trancar-se, mas a narrativa de João Antônio fala. O texto aponta para a coexistência que marca o espaço, a presença de turistas no clube de samba, mas ao mesmo tempo a presença de moradores locais, a manipulação da identidade. Os fluxos de meninos de classes baixas que partem da zona metropolitana em direção à Galeria Alaska, em busca de mulheres que buscam garotos de programa. Lá, não as encontram, e acabam rendendo-se as investidas de pederastas e, para não voltar, ficam, vão ficar, e quando percebem, já estão. Elza, a sapatão que se masculiniza durante a noite e feminiliza durante o dia também joga com identidades e, em um espaço específico, pode ser algo que, fora deste, não.

Há, pois, uma série de elementos na escrita de João Antônio (1976) que aqui servem de inquietações metodológicas para uma etnografia das práticas na cidade. Embora seus escritos não se pretendam etnográficos, a narrativa apresenta as dinâmicas do espaço urbano, sendo esta captura objetivo da pesquisa aqui projetada. O cuidado está, então, em perceber os jogos que marcam os espaços. Já aponta Perlongher (2008) para o interessante que pode ser uma descrição dos cenários onde as práticas sexuais se dão, os elementos que criam e possibilitam as interações, e não necessariamente uma narrativa do ato sexual.

Etnografia e a cidade

Foram realizadas observações em três espaços da cidade de Florianópolis, utilizados para a prática sexual entre homens. Os locais foram selecionados por alguns motivos, no qual se destaca o contraste apresentado entre si: um espaço próprio para o ato sexual, mediante pagamento de entrada; um espaço “fechado”, no sentido de um banheiro público onde existem cabines privativas; o terceiro, aberto, ao ar livre. Assim, três lugares que “não se parecem” permitem uma maior abrangência da reflexão.

Trilogia Suja de Florianópolis: três espaços na cidade

1. O clube

Pelas ruas caminho. Os passos seguem alguns atalhos, cortes, retalhos, reflexo das caminhas pela cidade (CERTEAU, 2014), as ruas que contam histórias das quais vi, vivi, ouvi – e viram, viveram, ouviram. Chego a um morro, já na metade. Caminho no sentido norte, subindo a elevação. Há uma sensação mais ou menos conflitante antes da entrada. Quase chegando, olho à direita, uma igreja. O céu. Atravesso o purgatório, estou diante do inferno. Um lance de escadas, dois.

Na porta, alguns folders, “entrada apenas para maiores de 18 anos”, em um; “acesso apenas para homens”, em outro. “Reserva-se o direito a admissão”, ainda. Toco a campainha. A porta se abre. Dirijo-me ao balcão. Entro ao clube.

O espaço trata-se de um clube de sexo situado no Centro da cidade de Florianópolis. Seu funcionamento se dá em todos os dias da semana, no período vespertino/noturno (entre 12:00 e 22:00 horas, com horários especiais em festas mensais, geralmente realizadas nos sábados, e programações em feriados específicos, como carnaval), com entrada restrita apenas a homens maiores de 18 anos.

Nas divisões, uma sala coletiva com exibição de vídeos (pornográficos) heterossexuais, uma de vídeos gays. Darkroom, com glory hole, cabines privativas, um banheiro. Dois apartamentos adaptados em um espaço não muito grande – mas o suficiente para o que a cidade comporta, ele me diz em qualquer conversa informal.

O público é versátil, e difícil de perfilar. Há oscilações – por dia, por horário – e a média, me diz o gerente, nunca funciona. É imprevisível. Há turistas, mas poucos. Há muitos de Florianópolis, mas não necessariamente do Centro. É perceptível um deslocamento com o objetivo de freqüentar o espaço.

“O público é fiel”, ainda me diz, a conversa informal, tratando-me como cliente, e não como pesquisador/observador do tema/espaço. Embora exista uma existência esporádica, há certa assiduidade de quem freqüenta, criando uma relação de proximidade e confiança com os clientes. Ele me chama pelo nome, e o faz com outras pessoas que ali estão. Há vezes em que chegam, sentam-se no bar e ficam, por horas, conversando e bebendo; apenas após entram no espaço próprio para práticas sexuais.

2. O banheiro

Ainda nas caminhadas pela cidade, um bairro de residência predominantemente universitária. Nele, um prédio de salas de aula, com um banheiro relativamente afastado. Pessoas circulam, caminham, entram e saem. Outras ficam. Detém-se. Demoram-se.

Qualquer rapaz começa a escovar os dentes pela segunda vez enquanto o outro, no mictório, olha de canto de olho para a pia. O rapaz que escovava os dentes se dirige ao mictório, já sem as escovas. Há uma aproximação. Eles se dirigem para uma cabine privada. Cabe-me, pois, estudar o silêncio – e os ruídos abafados que ecoam.

Ao contrário do espaço anterior, este se trata de um local aberto, de frequência geral e de pessoas não necessariamente interessadas na prática sexual. Assim, estabelece-se outra teia de negociações envolvendo a exposição do corpo e apropriação do espaço.

O público, embora também com oscilações, pode ser dividido em dois pólos: de um lado, estudantes (a sua maioria), vagantes entre 20 e 30 anos. Por outro lado, técnicos e professores (em quantidade reduzida), e com idade um pouco mais elevada. O que pode ser perceptível aqui, ao contrário do espaço anteriormente apresentado, e do próximo a ser, é a frequência muito marcada de um público. Embora no primeiro espaço exista um público mais ou menos assíduo, neste banheiro há frequência muito acentuada das pessoas que frequentam.

Há, também, o marcador da coexistência. Se no primeiro espaço apresentado trata-se de um público que tem por objetivo final a prática sexual, neste há a presença de pessoas que desejam usar o banheiro. O que a investigação etnográfica inicial tem apontado é para a existência de estratégias de utilização de espaços. Um homem entra, caminha ao mictório. Lá, encontra outro, urinando, mas sem produzir ruído da urina a cair na porcelana. Volta, entrando em uma das cabines privadas, não utilizando o outro mictório ao lado. Existe, pois, um conhecimento compartilhado das práticas entre os que frequentam o espaço, estejam interessados ou não nas práticas sexuais.

3. O mangue

Por fim, o último local de observação trata-se de uma passarela de madeira, sobre (e dentro) de um mangue em uma movimentada avenida da cidade, também na região central. Esta avenida é situada em um bairro bastante caro da cidade, e é ali

perceptível a presença deste público. Por outro lado, também se pode encontrar, ali, a presença de garotos de programa – embora não em uma categoria mais “estrita”, como se poderia pensar nos garotos de programa que estão alocados na Praça XV, no centro da cidade (BARRETO; SILVEIRA; GROSSI, 2013).

Neste espaço o que se pode perceber é a presença de moradores de rua que ali se encontram para o consumo de droga – outra característica do espaço, tal qual a venda – e, muitas vezes, acabam se prostituindo para terem condições de consumo da droga. Ao mesmo tempo, é também perceptível a ida de muitos jovens de classe média alta ao espaço, com a mesma finalidade de compra/consumo de drogas. É, pois, um espaço bastante curioso pela coexistência de trajetórias diversas que se confundem dentro de uma mesma fronteira simbólica que ali se estabelece, algo característico das sociedades complexas, como aponta Gilberto Velho (2013).

Observações

A reflexão a partir do exposto nos leva a pensar em um movimento duplo de intersecção entre os indivíduos na vida na cidade como, de um lado, em termos de Goffman (2013), poderíamos traduzir a partir da idéia de que os *cenários* condicionam as *interações face a face*, mas, também por outro, como os indivíduos tem a potencialidade de mudar e dar novos significados e atribuições aos espaços e estruturas da cidade. Situando nossa problemática no campo da Antropologia e da Sociologia Urbana, busca-se saber como os espaços da cidade condicionam as práticas de sexo entre homens, em um comparativo entre três locais distintos da cidade de Florianópolis, sendo ambos localizados em um raio de proximidade entre o bairro Centro e o bairro Trindade.

Assim, tendemos a pensar, a partir do exposto, que as práticas de sexo entre homens no espaço urbano se configura de maneira distinta entre espaços, visto que alguns são propícios/planejados para tal, ao passo em que outros são reapropriados e utilizados por estes homens a partir de novos significados que burlam fronteiras de legalidade/ilegalidade, moralidades divergentes, dentre outras.

Ao mesmo tempo, a idéia de trabalhar com estes espaços como não lugares (AUGE, 2012) não nos parece pertinente. Embora como apontam Braz (2010) e Miskolci (2013), são relações que marcadas pelos segredos e pelas tentativas de anonimato, é perceptível a sujeição ao risco de reconhecimento, em contextos abertos –

como as práticas em banheiros públicos ou em mangues; mas também se possibilita a criação de uma rede de afeto no clube de sexo, onde se estabelecem relações de amizade.

Considerações finais

Se aceitarmos um dilema no campo da Sociologia/Antropologia Urbana, que seria a polarização entre teorias macro-sociológicas e micro-sociológicas, poderíamos aceitar – através do anteriormente exposto – que estarmos mais próximos as teorias micro, pensando o fazer na cidade como prática do indivíduo, que tem a possibilidade de ação e adaptação/transformação da realidade social, como exposto anteriormente.

Referências

ANTÔNIO, João. Galeria Alaska. In **Malhação do Judas Carioca**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

AUGE, Marc. **Não Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9ª Ed, Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARRETO, Letícia; SILVEIRA, Cibele; GROSSI, Miriam. Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade. **Revista de Ciências Humanas**, v. 46, 2013.

BRAZ, Camilo Albuquerque. “Mas agora confessa...” Notas sobre clubes de sexo masculino. **Sexualidad, salud y sociedad**, nº 4, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1- Artes de Fazer. 22ª Ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 19ª Ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GROSSI, Miriam. Na busca do outro encontra-te a ti mesmo. In _____. **Trabalho de Campo e Subjetividade**. Florianópolis: PPPGAS/UFSC, 199

GUTIERREZ, Pedro Juan. **Trilogia suja de Havana**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, nº 5, 1995.

LAGO, Mara de Souza. **Modos de vida e identidades**: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: EdUFSC, 1996.

MAGNANI, José Guilherme C. **Da periferia ao centro**: trajetória de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento em três tribos primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 4ª Ed, 2000.

MELLO, Anahí; FERNANDES, Felipe; GROSSI, Miriam. **Entre pesquisas e militar**: engajamento político e construção da teoria feminista no Brasil. *Revista Artemis*, nº 15, 2013.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, nº 21, 2013.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. 2ª Ed, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PORTO, Bea; LAGO, Fernanda (orgs.). **É tudo mentira**: a história segundo Beto Stodieck. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 1999.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 16, nº 2, 1990.

SCOTT, Joan. **Preface a gender and politics of history**. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP, 1994.

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.